

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.131

Sexta-feira, 28 de Julho de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Batalha-Lisboa 5337-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 11 e 13

A obra do actual governo:

Ataque ao horário de trabalho. — A injustiça das subvenções. — Protecção aos que assam-barcam. — Perseguições ao operariado

O sr. Vasco Borges, criatura de ciclopedicas qualidades que dão até sobejam para gerir, aos cachos da intriga politica, todas as pastas, pretende assimilar a passagem pela do trabalho, quando, com o seu regulamento do horário de trabalho, os interesses dos que trabalham.

O sr. ministro, é republicano o regime. No entanto, o regulamento é reaccionário. Não para admirar o facto, pois que os republicanos, quando são elevados ao poder, parecem ter herdado a alma vesga e inquisitorial de Pina Manique. Legislam contra os interesses dos legislados, em os consultar e sem os atender quando eles ao serem lesados clamam contra o atentado aos seus direitos. Legislam, sem esboço, sem examinar previamente as condições em que se encontram os que são atingidos. A ignorância parece ter sido a escola onde saíram os legisladores.

Os actos do sr. Vasco Borges confirmam Spencer, quando este mestre sociologo afirma que todos os officios conhecidos só o legislador, tinha dispensado aprendizagem.

Como é natural o operariado não vai submeter-se aos caprichos de qualquer ministro e ao regulamento vai opôr-se a sua vontade enérgica.

AS GREVES

Os operários do mobiliário, em greve há mais de 4 meses, apreciarão hoje uma proposta, que em nome dos industriais e lojistas renitentes lhes foi enviada —

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Quando a «Cavaleria de Piratas» se dá a fantasia piana e os que já não conseguiram atear os seus fogos, nem mesmo terão o direito de dissipar a confusão que as suas prepotências criaram, acaba de chegar às mãos uma proposta em nome do pequeno numero de industriais lojistas que ainda não cederam e que, quando afirmam, reúnem fora da «patronal».

Este Comité, fiel intérprete do sentir de todos os operários do mobiliário, que há 130 dias lutam com denuedo, tem-se em absoluto de fazer, por agora, considerações a referida proposta, para que todos os interessados, na assembleia que se vai realizar às 19 horas, muito livremente venham apreciar a oferta dos nossos patrões.

Que nenhum operário, mesmo os que estão aufferindo o aumento reclamado, falte, porque o assunto a todos interessa.

N.º entanto, com a mesma coragem, com que, vai para cinco meses, iniciamos esta dignificadora luta, vos convidamos a apontar o caminho da vitória.

E num regime que se apolida de democrático é o operário forçado a lutar desesperadamente para não ser vitimado pela ignorância e o reaccionismo dos acidentais e omnipotentes senhores da hora.

O critério que presidia ao projecto da lei sobre subvenções é reaccionário pela flagrante desigualdade que revela e pelo seu lesprezo evidente pela justiça.

Prestando o que os que mais difficilmente suportam a carestia da vida recebem uma subvenção menor ao contrário dos que ganham melhor, a quem mais grossa fatia lhes será distribuída.

Depois da hierarquia das situações a hierarquia dos estómagos. Para os de cima muito, para os de baixo pouco, para os de baixo, uma quantia irrisória.

De tal modo o projecto está elaborado que ao descer as subvenções pela escala decrescente das categorias, chega a certa altura em que a subvenção concedida não passa duma quantia irrisória, duma miséria e dum insulto pelo tom de esmola que ela revela.

O governo não quiz reconhecer que a vida estava cara para todos e que por tanto todos deviam igualmente ser abrangidos pela subvenção. Pelo projecto o governo reconhece que a vida está mais cara para quem ganha mais e menos difícil para quem ganha menos. E portanto deliberou estabelecer mais a quem precisa menos e menos a quem precisa mais. Semelhante critério é reaccionário, estúpido e desumano. Uns, ficam colocados numa situação privilegiada, enquanto que

outros, a maioria, a grande maioria, fica quasi nas mesmas condições em que se encontravam.

No entanto, todos os trabalhadores são atingidos pelo mesmo fenómeno da vida cara.

Mas para uns, para a minoria, reconhece-se-lhes o direito de se defenderem da carestia da vida, enquanto que os outros, a maioria, são condenados a trabalhar, sob os sofrimentos intoleráveis resultantes da miséria que lhes bateu à porta.

Para o Estado ficam existindo duas categorias de funcionários e assalariados: uma com direito a vida, a outra com o dever de aguentar a fome.

E depois, não será para revoltar que os homens públicos se afirmem republicanos e chamem reaccionários aos monárquicos, quando as suas decisões estão profundamente impregnadas de reaccionarismo?

A obra do Estado tem e continua sendo nefasta a classe operária. Ela tem sido fortemente atingida pelas suas resoluções. Danado o regulamento do horário de trabalho, do outro as subvenções em que são prejudicados os assalariados do Estado.

Deve também entrar em conta a protecção aos assambarcadores que manobram à vontade sem que o Estado proceda.

Quem esqueceu as odiosas perseguições e o ignóbil encarceramento de operários nos fortes de S. Julião da Barra e Sacavem.

E para admirar que cada vez seja maior o abismo entre governados e governantes, entre o Estado e o proletariado?

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o comité confederal.

Caminhos de Ferro do Estado

A inauguração do ramal de Lagos a Portimão

O ministro do comércio determinou que sejam distribuídos passes aos jornais da capital, para que os seus representantes se possam aproveitar do bôbo especial que parte pela 1 hora de domingo próximo, com destino a Lagos, conduzindo entidades officiais que vão assistir à inauguração da linha férrea entre aquele porto e Portimão.

Em Estiramantens

O reaccionarismo dum lavrador

O capitalista Joaquim Pereira não tem visto com bons olhos o facto dos trabalhadores de Estiramantens se organizarem.

Este reaccionário que afirma só estar contente se fosse erguida uma «força em cada aldeia, tem realizado todos os esforços no sentido de conseguir destruir a associação.

Com a prisão de alguns elementos operários e com a coadjuvação dos «mantenedores da ordem» tem conseguido «saciar em parte» o seu odio.

Porém, agora, o mesmo reaccionário pretende que sejam também encarcerados os militantes que de Olhão vieram para animar os trabalhadores de Estiramantens a prosseguir no seu interesse pela Associação.

«E a autoridade prestar-se-á a servir os ignóbeis maneios dos reaccionários».

Subvenções

Informam-nos da arcada: Consta que a «comissão» de finanças da Câmara dos Deputados vai apresentar um contra-projecto à proposta de lei das subvenções em que serão atendidos os limites do possível, as numerosas reclamações de várias classes de funcionários e assalariados do Estado. Parece que para atender estas reclamações há necessidade de reduzir o quantitativo das subvenções arbitradas na proposta do governo, aos funcionários graduados.

Letor, es assinante de A BATALHA? Não? pois devas assinar a tua obra de propaganda das ideias que te são uteis.

O HORÁRIO DE TRABALHO

Verdades amargas sobre regulamento-burla e os empregados do comércio

Presados camaradas: Lá porque um desconhecido qualquer, arvorado em ministro, se lembrou de fazer valer como lei que devemos trabalhar 12 horas ou mais, se isso for da sua omnipotente vontade, pela minha classe um pouco medonho — de todos os lados chegam protestos de indignação.

Não acho motivo para tal, porque uma classe que tem andado completamente afastada (excepção feita a meia dúzia de camaradas) das lutas da emancipação, está sujeita a ser vilipendiada por qualquer bicho-careta guindado às cadeiras do... quero, posso e mando.

A grande maioria da minha classe, mas uma maioria esmagadora, outra coisa não tem feito senão o completo alheamento de tudo quanto diz respeito à conquista das suas reivindicações, e a exibição por vezes cômica e nojenta do seu pedantismo nos grandes meios onde só os que vivem... à custa do suor dos oprimidos deviam ter entrada. E nesta vaidade balofa essa grande maioria de camaradas meus, julgando-se uma classe superior às outras, como se neste mundo de ilusões não fôssemos todos iguais, tem erradamente afirmado que a classe a que pertencem não é uma classe operária, e consequentemente tem sempre obstado a que a tal meia dúzia de camaradas acima referidos algo tenham feito em benefício da colectividade.

Diz o camarada José Antunes em A Batalha, que «confia em que uma onda de dignidade consiga despertar na classe em sentimento duma justa revolta, mas estas palavras, embora sejam a expressão do seu pensar, rectificando mais adiante, diz que apertar, exigir, reivindicar, são assuntos que assistam ao empregado comercial».

Na verdade assim é. Em A Batalha do mesmo dia e na mesma página vem a corroboração das afirmações do camarada José Antunes — os camaradas de Silves, ao ser apresentada em assembleia geral da classe uma moção, pelo nosso camarada e amigo António Carvalho, recebeu a mesma com frieza, o que equivale a dizer que o seu protesto foi um protesto para... uso interno.

Não é, pois, com uma classe inconsciente dos seus deveres e direitos que se poderá levar a efeito um protesto alisonante, de maneira a que o regulamento-burla seja modificado para que seja cumprida a essência da lei das 8 horas.

Para que alguma coisa se faça, de jeito, para que o trabalho seja apenas o que deve ser, e não aquilo que os outros querem que seja, é necessário a classe mudar imediatamente de rumo.

On a classe encara de frente e com altivez o problema máximo para a conquista das suas justas reivindicações, ou, continuando, como até aqui, alastrada das lutas pró-classe, melhor será então resignar-se e não vir protestar platonicamente para os jornais e assembleias, porque esse papão não assusta já os sr.s da governança. E preciso realizações práticas e imediatas. E para que elas sejam levadas a efeito é necessário que a classe dos empregados do comércio e indústria se una imediatamente a todas as demais classes operárias, e conjuntamente trabalhem para que aniquilam tudo a que tenham jus. E se assim não quiserem ser será.

Faço votos sinceros para que essa plaidade de camaradas que se encontra à frente dos destinos da classe comercial consiga demover a grande legião dos indiferentes, e os conduza a bom caminho para que o bom nome da classe se erga de vez e meta na ordem os sr.s do governo e da C. P. — ambos mancomunados para nos derrotarem.

Luis CARVALHAL

Empregados de Escritório

Realiza-se hoje, na sede desta Associação, rua da Madalena, 225, 1.º, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda pró 8 horas e preparatória do grande comício.

Empregados do Comércio

NOTA OFFICIAL

Foi com verdadeira irritação que lêmos e apreciamos as declarações prestadas ao jornal O Século pelos representantes das forças do «Olho vivo» que mais uma vez demonstraram terem sido eles os verdadeiros autores do regulamento do horário de trabalho e ter sido o ministro do Trabalho um joguete nas mãos de tam conspicuos cavalheiros.

Dissemos que lêmos com irritação e vimos, e pelos argumentos apresentados que não passam de simples infantilidades e que muito facilmente seriam rebatidos por um colega.

Esta comissão constata que a grande maioria dos comerciantes cumpre as 8 horas e que só uma insignificante parcela foge a dar cumprimento a esta regra e esses mesmo pertencendo ao já muito célebre e conhecido ramo dos manteigueiros.

Caixeiros da Guarda

GUARDA, 26. C. — A classe dos caixeiros tem-se movimentado por causa do regulamento das 8 horas. Já vários conflitos se não esboçaram, mas de passageras consequências, parecendo que as coisas não de continuar como dantes ou pior ainda.

Os caixeiros, para vencer, precisam de dar força à sua associação, de se doutrinar nos princípios socialistas e de concorrer aos congressos operários, mandando os seus delegados. Porque não enviam, agora, um seu representante a Covilhã?

Está por aí, profundamente aliado nas paradas, o intrépido órgão dos caixeiros Era Nova!

A obra dos assambarcadores

Uma família envenenada por ter ingerido manteiga em mau estado

Ontem, cerca das 14 horas, o comerciante estabelecido com tabacaria na rua de S. Paulo, 59 e 61, Luis Rodrigues Sigalho, de 41 anos, natural de Lamego, dirigiu-se para sua casa sita na mesma rua, 182, 2.º, a fim de almoçar com hortaliça, carneiro guisado com massa, bifes, café com leite e pão com manteiga. Também comera esta refeição a esposa do comerciante sr.ª Aurora Cândida Rodrigues Sigalho, de 31 anos, dois filhos, Justina Sigalho, de 7 anos, e Dinis Rodrigues Sigalho, de 2 1/2 anos, e uma serva de casa de nome Maria José, de 13 anos.

Passadas duas horas o comerciante que já se encontrava no seu estabelecimento começou a sentir-se seriamente incomodado, pelo que se dirigiu imediatamente a casa, encontrando ali no mesmo estado, sendo pior, a esposa e os filhos.

Transportados imediatamente num automóvel da Cruz Vermelha ao Banco do hospital de S. José, folheles ali feita a lavagem do estômago pelos cirurgiões de serviço drs. sr.s Alberto Mac Bride e Assis de Brito, recolhendo depois de tratados a várias enfermarias, não sendo nada satisfatório o estado da esposa do comerciante.

A serva nada sofreu, estando quasi averiguado que o seu motivo à intoxicação foi a manteiga que comeram e que foi comprada na mercearia pertencente à firma Coelho & C.ª sita na mesma rua e da qual se serviram simplesmente os donos da casa, que a comeram no pão e os filhos no bife temperado com a mesma manteiga.

A BATALHA em CASCAIS

Vende-se na Estrela Polar, Rua Regimento, 19.

SINDICATOS UNICOS

Os que pretendem os sindicatos únicos tendo por base o produto orgânico da indústria

A medida que se aproxima a data da realização do próximo Congresso Nacional Operário, mais se vai acentuando a discussão por parte de vários militantes em torno de vários problemas.

Este dos sindicatos únicos é um problema transcendental servindo de base para uma nova estrutura na organização sindical, e daí a sua importância incontestável.

O que já está claramente definido são as várias correntes de opinião.

E nos, que desde longa data temos a nossa opinião definida sobre tal problema, achamos oportuno o momento para nas manifestarmos duma forma clara e precisa.

A tese que M. J. de Sousa — «Sindicatos Únicos de Indústrias» — vai apresentar ao próximo Congresso e já publicada em A Batalha acaba de vir acentuada a discussão. Sobre ela se manifestaram já militantes metalúrgicos — precisamente a indústria aonde o erro, mais se acentua — divergindo — o que é mais interessante — entre os mesmos o critério de opiniões.

Eis o caso: Pretendem uns a continuação e alargamento dos sindicatos únicos tendo por base a matéria e outros o produto orgânico da indústria.

Como exemplo bem frisante do erro em que laboram os primeiros e porque nos sentimos suficientemente abalizados não só por conhecermos as características da indústria a que pertencemos como ainda os prejuizos e as desinteligências que aquela estrutura orgânica acarretou para a mesma, apontaremos a indústria de conservas, assim dividida: soldadores, trabalhadores e pessoal feminino.

Antes do C. N. de Coimbra encontrava-se cada corporação por si, dividida nos seus respectivos sindicatos — o que acarretava prejuizos morais e materiais incalculáveis.

Olhão, Julho, António Gonçalves DIAS, (Operário soldador sindicalista)

que não raras vezes fátiga e aborrece os que se vêem a braços com ele, e também não poucas vezes os faz abandonar os serviços sindicais, sem ter tempo de esgarar a insinuação dos que lá fora, depois de tanta energia dispendida, os ficam ainda acalmando de desonstos.

Foi constatando este mal que desde há algum tempo me tenho ocupado do estudo dum sistema de escrituração que, não exigindo os conhecimentos técnicos do guarda-livros, possa ser executado por qualquer indivíduo, resolvendo ao mesmo tempo os problemas da clareza, simplicidade e economia de tempo.

O meu sindicato profissional, analisando este simples trabalho, aprovou-o e só isto me autoriza a apresentá-lo aos camaradas dos gabinetes sindicais, com o grande desejo de lhes poder ser útil.

Frise-se, porém, que este pequeno volume não é de nenhum modo um tratado nem um compêndio de contabilidade, mas tão somente, uma adaptação prática dum método de escrituração.

CAPÍTULO I

O secretário administrativo

Em regra, as comissões administrativas ou direcções dos nossos organismos são constituídas por um presidente e um secretário, ou um secretário geral e um secretário adjunto, tesoureiro e dois ou mais vogais para fazer numero. Nalguns organismos há também ainda vice-presidentes, etc.

Eu entendo — e por diversas vezes tenho defendido esta ideia — que esses corpos, ao mesmo tempo de administração e de direcção, devam compor-se de secretários geral, adjunto, bibliotecário administrativo e tesoureiro. E tenho defendido esta constituição das comissões administrativas pelo principio — que considero fundamental para o êxito das suas funções — de que os serviços dos gabinetes administrativos devem ser distribuídos por todos, por forma que todos tenham que fazer e que não seja possível a invasão de atribuições, que hoje lamentavelmente constatamos com frequência.

Considero de primordial importância que cada um tenha as suas funções determinadas, ocupando-se da parte do trabalho que lhe pertence, e não distribuída para que possam bem aproveitar-se todas as actividades e produzir-se uma maior soma de trabalho.

Acho de todo o ponto desnecessário o facto que frequentemente tenho presenciado, da comissão se reunir para esboçar um officio, para lançar uma acta, ou para «fazer contas».

Cada um deve saber o que lhe compete fazer, e deve fazer-lo sem esperar pela cooperação dos seus colegas de gabinete, a qual, quasi sempre, longe de representar uma ajuda, é, pelo contrario, uma perniciosa distração.

Assim, bastará que a direcção se reúna oficialmente para tomar conhecimento do andamento dos trabalhos e quando de algum dos seus componentes seja impetorado para a solução de qualquer problema que no exercício das suas atribuições se lhe depare.

Eu já fiz a escrita — a última hora — dum organismo operário, em que os documentos de todo um ano que me foram entregues só raramente tinham indicadas as datas! É uma coisa que facilmente se lhe depare.

Veio a constituição dos sindicatos únicos e todo aquele pessoal que pertence a uma indústria especializada como especializado é o seu produto — ingressou naqueles — juntando-se-lhes os metalúrgicos propriamente ditos.

Argumentavam para tal efeito os militantes metalúrgicos — e ainda hoje argumentam — que a razão de ser de tal fusão era devido ao facto do pessoal da indústria de conservas lidar com metais.

Tal afirmação é tão errónea que teríamos a quasi totalidade dos trabalhadores de diversas indústrias considerados como metalúrgicos, sabido como é que a metalurgia é o esforço constitutivo por assim dizer de toda a técnica profissional.

Entre a indústria de conservas e a metalúrgica não existe correlação absolutamente alguma.

As técnicas profissionais e as modalidades de trabalho são bem diferentes.

Eis porque é indispensável, por mais necessário, que seja constituída uma Federação Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Conservas o que só assim poderá prover ao desenvolvimento técnico, profissional, moral e material de todos os seus componentes.

Deixem-nos de vaidades corporativas com que a organização nada lucra e lancem-nos num trabalho útil e fecundo para toda a organização.

Nunca nos fica mal quando compreendemos que cometemos um erro o pretendemos remediar-lo.

O contrario é que poderá ficar a quem se diz defensor duma Verdade tão sublime, como sublime é o ideal que preconizamos.

Olhão, Julho, António Gonçalves DIAS, (Operário soldador sindicalista)

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A contabilidade administrativa dos organismos operários

Relator: GIL GONÇALVES

Mas são isto já considerações aqui descabidas.

Tam somente eu tenho que occupar-me das funções do secretário administrativo.

Quando, chegado o momento da posse do seu cargo, o secretário administrativo entra no gabinete disposto a começar o seu ano de exercício, deve ele já saber o que deve entregar-lhe o seu antecessor.

Deve verificar se o livro «caixa» está em dia, se o saldo que ele apresenta é o que consta das contas que foram aprovadas pela Assembleia Geral e se está em conformidade com o dinheiro que existe, quer em mão do tesoureiro, quer em qualquer outra parte que nas mesmas contas se mencione.

Como o novo tesoureiro terá recebido esse saldo das mãos do antigo, deve exigir que o tesoureiro seu colega lhe passe um duplicado do recibo justificativo dessa verba com que vai abrir a nova escrita, uma vez que este já começou por receber essa primeira entrada da sua execução.

Se a escrituração do exercício anterior não está arrumada devidamente, e novo secretário administrativo não deve seguir os processos do seu antecessor, nem deve maciar e distrair os seus colegas de gabinete com perguntas e pedidos de auxilio para os modificar. Se tiver lido este livro, com a preciosa cooperação do seu raciocínio, ele terá de antemão um critério acertado sobre a forma como deve desempenhar-se proliquisamente da sua missão.

Naturalmente, se os trabalhos administrativos não estão metódicos, ele irá deparar com deficiências que procurará evitar no seu exercício, não devendo esquecer que o mecanismo administrativo não poderá funcionar bem se não tiver sido bem montado. Deve, pois, esboçar-se por organizar tudo com método, com critério, e pôr a máquina a funcionar com a maior brevidade possível.

Não é raro deixar-se para o fim os serviços da escrituração, ferir fustos cujas consequências são tarde deploráveis!

O secretário administrativo deve começar a trabalhar no gabinete da administração desde que tomou posse do seu cargo. Não deve guardar nada para amanhã. A escrita deve traze-la em dia. Se não deve distrair os seus camaradas, também não deve distrair-se com trabalhos que não lhe pertencem, e de que a seu tempo tomará o conhecimento devido.

U na carta que tem por archivar, um documento por lançar, serão amanhã dias cartas e dois documentos; e se não dispõe hoje de tempo para lhes dar o devido destino menos o terá amanhã, pois que o trabalho duplicou.

E já que começamos a falar de documentos, frizemos que todos os documentos que vierem às mãos do secretário administrativo devem — sempre que se rellam a recella ou a despesa — estar rubricados pelo secretário geral, assinados por quem recebeu a respectiva importância, e devidamente datados.

Eu já fiz a escrita — a última hora — dum organismo operário, em que os documentos de todo um ano que me foram entregues só raramente tinham indicadas as datas! É uma coisa que facilmente se lhe depare.

O calvário dum inocente

UM ERRO JUDICIÁRIO

Mais uma vez venho importuná-lo com as colunas de A Batalha sob o pseudónimo de um leitor que segue:

«Um erro judiciário? Paulo não foi o assassino? A imprensa da Manhã procedeu a algumas investigações, e foi possível concluir que o autor do duplo assassinio da Fajarda é Domingos Paulino».

Este é o título dum artigo publicado na Imprensa da Manhã de 16 do corrente em que afirma perentoriamente que Domingos Paulino é o autor do crime da Fajarda.

É assombroso que este jornal venha fazer uma afirmação de tal natureza e com tão graves consequências contra um inocente.

Se a pudesse ser dotada desse dom prebendado — omnisciência — decerto estaria remorsosa em estar afirmando a sentença, prejudicando e agravando a situação dum inocente.

Diz a Imprensa da Manhã que um filho do Domingos declarou que o pai encontrara junto das vítimas, pertencendo ao pai e que reconheceu por um rapaz que esta lhe tinha feito com um anivete. Já me referi a este caso na batalha de 5 do corrente.

Porque razão não foi essa criança interrogada no tribunal?

Tendo eu feito estas declarações na presença de Domingos Paulino, porque não foi interrogado no tribunal uma testemunha que tivesse presenciado e ouvido estas declarações?

Que se apresente este ou aquele argumento, porém que se prove, porque não basta só a sua apresentação, porém a prova é que se não pode dar, porque Domingos Paulino nunca usou pau.

Outras testemunhas afirmam, diz a Imprensa da Manhã, que o Domingos Paulino teve uma alteração com a vítima numa taberna da Fajarda e que a ameaçou de morte assim como a mulher. E' facto haver essa alteração, mas chegando a uma conclusão errada, chegando mesmo a beberem veneno. E' falso o Domingos ter profetizado quaisquer ameaças o que prova um testemunho que presenciara essa cena. Admira, também, o dono da taberna não ter comparecido no tribunal, assim como admira, que um trabalhador (e não dois como a imprensa afirma) que encontrou uma madrugada antes do crime o Domingos embebido na estrada e dizendo-lhe que em vez de ser o trabalhador forte, o

ministério, ministro das finanças, ministro do comércio, presidente da câmara dos deputados, etc., enviou a mesma comissão distrital o seguinte telegrama:

«Pessoal menor correio e telegrafista do Guardado protesta energicamente contra promulgação projecto de lei subvencões apresentado ao parlamento que vem tornar mais angustiosa precária situação económica, condenando a morte de fome aqueles que tem melhores ordenados».

Propaganda anti-clerical

Foi lido com avidez o manifesto anti-clerical publicado, há dias, por um grupo de livres-pensadores, e espalhado profundamente pela cidade.

Considera-se como um documento do maior valor no combate aos preconceitos religiosos e aos intuitos conservadores da padralhada, de que resultará um benefício effectivo: o levantamento do espirito anti-clerical e a redução da cobardia ultimamente manifestada.

O armazém regulador

Parece que o problema do armazém regulador está resolvido, segundo informações que nos merecem todo o crédito. A casa está cedida, devendo a câmara dar andamento às obras, por estes dias, para o que concorre também, com uma razoável verba, o commissariado geral. Calcula-se que o armazém comece a funcionar lá para setembro. — C.

Santo Tirso

25 DE JULHO

A quem competir:

Tendo atingido o máximo descaramento e pouca vergonha a maneira como se tem tratado o jogo nesta terra, lembramos às autoridades competentes a necessidade urgente duma energia proibição, obrigando a entrar no cumprimento das leis do país, quem tem descaramento e tem violado, contribuindo até para uma futura desgraça nos lares de alguns filhos desta terra, onde a batola se tinha feito despercebida.

Já se encontra a venda

o n.º 2 da 2.ª série da

NOVELA VERMELHA

Não! diz a lei

por Nogueira de Brito

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária. — Continuam os ensaios para a recita em benefício do camarada Francisco dos Santos (Xico Espanhol).

A BATALHA

Vende-se na Maison de la Press Por tugaise — Rue Blanche, 49.

COMPRO

Movels velhos e escangalhados, assim como me encarrego de restaurar mobilias e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrevam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

O TRABALHO

Já se encontra a venda em A Batalha o n.º 4 deste semanário do Rio de Janeiro. Não recebam os n.ºs 1 e 2, o que esperamos ainda receber.

PREÇO \$10

Máquina Singer

Para alfaiate, vende-se, quasi nova Travessa do Cabral, 9, 2.º D.

Isqueiros

Pedras a 5 centavos (50 réis). Molos, tubos, rodas e mais artigos

Largo do Conde Barão, 55 (Casa do Isqueiro à Porta)

E' quem vende mais barato

Uma chavena de cacau da

SIC

vale mais como alimento, que 5 chavenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

— Em nome de todos os vossos rendeiros.

— Em nome de todos os vossos rendeiros.

— Que vos amam.

— Que vos amam.

— Porque sois bela, boa e poderosa.

— Porque sois bela, boa e poderosa.

— Venho trazer-vos a expontânea saudação que sai de meus lábios.

— Venho trazer-vos a expontânea saudação que sai de meus lábios.

— Neste momento em que pi-sais.

— Neste momento em que pi-sais.

— Esta aldeia.

— Esta aldeia.

— Que vos adora.

— Que vos adora.

— E que acorreu para vos saudar humildemente.

— E que acorreu para vos saudar humildemente.

— E demonstrar-vos que agora e sempre.

— E demonstrar-vos que agora e sempre.

— Sois a patroa querida.

— Sois a patroa querida.

— Aceitai por agora este humilde.

— Aceitai por agora este humilde.

— Obséquio.

— Obséquio.

— Porém a pequena não lhe entregava o ramo.

— Vamos, estúpida — gritou Gertrudes, — dá-me o ramo.

— A pequenita avançou um passo e entregou-lho.

— Gertrudes pegou nêlo.

— Entretanto, D. Rafael gritava: — Viva sua senhoria!

— Viva! — gritou a multidão.

— Ela com grande lentidão chei-rou as flores e dando o ramo a uma das criadas, disse: — Toma-me conta dele, e muito pesado para o levar.

— Depois dirigindo-se ao pároco, perguntou: — Já que hora é a missa?

— A's oito horas, senhoria, como a senhoria mandou.

— E' muito cedo — disse em voz alta para que todos a ouvissem. — Quero que a missa seja às dez horas, porque a viagem fatigou-me e um pouco de sol, outro pouco de ar, produziram-me enxaqueca.

— (Continua)

Um pouco de tudo para todos!

CALENDÁRIO DE JULHO

S. 1 8 15 22 29 HOJE O SOL
D. 2 9 16 23 30 Aparece às 5,53
S. 3 10 17 24 31 Desaparece às 17,52

FASES DA LUA

Q. C. dia 1 às 22,32
Q. M. » 17 » 5,11
L. N. » 24 » 12,47
Q. N. » 31 » 12,47

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 5,31 e às 17,54
Baixamar às 11,01 e às 23,24

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodré) para Cacilhas, às 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-10.

De Cacilhas para Lisboa, às 6-25, 7-15, 8-35, 9-45, 10-55, 11-25, 12-35, 13-45, 14-55, 15-25, 16-35, 17-45, 18-55, 19-25, 20-35, 21-45, 22-55, 23-25, 24-35, 25-45, 26-55, 27-25, 28-35, 29-45, 30-55, 31-25. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-35.

De Lisboa (C. Sodré) para o Seixal, às 6-10, 10-30, 15-40, 18-20.

De Seixal para Lisboa, às 6-30, 9-00, 12-30, 16-20.

De Lisboa (T. Peco) para o Barreiro, às 6-30, 9-30, 11-30, 13-30, 15-30, 17-30, 19-30, 21-30, 23-30, 25-30, 27-30, 29-30, 31-30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Barreiro para Lisboa, às 6-30, 9-30, 11-30, 13-30, 15-30, 17-30, 19-30, 21-30, 23-30, 25-30, 27-30, 29-30, 31-30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Navios a sair

DIAS	DESTINOS
Herschel..... 28	Brasil e Argentina, Brasil e Argentina.
Orania..... 31	Agosto
Andes..... 1	Madeira, Brasil e Argentina.
Heldebrand..... 1	Para e Manaua.
Gramma..... 2	Portos da Africa Ocidental e Oriental.
Griqua..... 1	Lourenço Marques e Beira e portos da Africa Austral.
Desendo..... 5	Brasil e Argentina.
Roland..... 9	Portos do Brasil.
Arguaya..... 10	Madeira, Brasil e Argentina.
Desna..... 19	Brasil e Argentina.
Gelria..... 21	Las Palmas, Brasil e Argentina.
Arianza..... 28	Madeira, Brasil e Argentina.
Delitana..... 30	Portos do Brasil.

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA. — Rua do Arco da Loba, 10. — Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA. — Delfim. — Todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

ARQUEOLÓGICO. — Largo do Carmo. — Todos os dias das 10 às 16, com licença.

ARTILHARIA. — Largo do Museu de Artilharia. — Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO. — Rua Eugénio dos Santos. — Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUES. — Edifício dos Jerónimos, Belem. — Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO. — Rua do Arco a Jesus, na Academia das Sciéncias, 2.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO. — Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DU BOCAJE. — Escola Politécnica. — Quatras feiras das 12 às 16.

MISERICORDIA. — Largo de Trindade Coelho. — Último domingo do mês, às 16-20.

NACIONAL AGRICOLA. — Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA. — 7.ª das Janéas Verdes.

NACIONAL DE COCHES. — Praça Afonso de Albuquerque. — Todos os dias úteis, das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA. — Largo do Chafariz, 22. — A's terças e domingos, A's segundas, 3.º centavos.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

AGRICULTURA

Plantações definitivas e cultura da vinha. — (Continuação).

4.ª — Como norma de conduta, o sistema de replantação pelas americanas no Douro e numa ou outra região especial, deve seguir as seguintes regras: no resto do país tem de modificar-se no sentido dum maior espaçamento das cepas, da regularização dos alinhamentos, de menor profundidade de plantação. Este maior espaçamento escusa de ir além de 1,25 m nem aquém de 1,2 m em todos os sentidos; os alinhamentos devem ser em quincão ou em quadrado. Convém mais executar a plantação a covacho em solo convenientemente drenados, sorbidos a um mínimo de 0,6 m e esgrimados no verão, abafados algum tempo antes da plantação.

5.ª — Não há inconveniente em replantar com vinha americana um terreno de vinha floxerada logo em seguida ao arranque desta, contanto que a plantação se execute com plantas de uma alta resistência.

6.ª — A cultura da vinha em forçado no Minho deve manter-se com pequenas modificações de poda e empia, tendente a melhorar e a aumentar o produto sem lhe alterar o tipo.

7.ª — Sendo para recomendar o emprego de adubos químicos na cultura de vinha, é de inadivél preciso exigir-se aos fornecedores garantia de dosagem em elementos nobres.

(Continua)

VULGARIZAÇÕES

Um costume japonês. — No Japão as mulheres abandonadas não matam nem se matam para saciar a sede de vingança ou para terminar o seu sofrer. Quando a mulher japonesa tem provas convincentes de que é traída, levanta-se pela noite alva, envergando um vestido branco, calça uma espécie de tamancos e põe na cabeça um toucado cuja forma se aproxima da de uma serpentina de três lumes, na qual co-

peta três vezes acesa. Do pescoço pendem-lhe sobre o peito um boneco de palha, que é a imagem do infiel e na mão direita leva pregos e um martelo. Dirige-se a um santuário e puma das árvores sagradas, que o rodeiam, crava a imagem do infiel com dois pregos. Em seguida faz uma oração em que roga ao seu deus a morte do ingrato, prometendo-lhe tirar os pregos que aligam a árvore logo que o infiel tenha morrido.

Depois vai todas as noites ao santuário e crava mais dois pregos na árvore, até que, tola pretensão, o seu deus seja atendido.

VÁRIAS

Para conservar o leite em pó. — Dissolvam-se 4 gramas de bicarbonato de sódio em 30 gramas de água; ajunte-se esta solução a 1 litro e meio de leite, e evapore-se no banho-maria, até ficar reduzido à terça parte; junte-se então 450 gramas de açúcar em pó, e depois de se ter dissolvido, despeje-se o leite em travessas chatas, onde o leite em pó se conserva muito tempo. Reduza-se esta massa a pó, e guarde-se em frascos bem tapados; uma ou duas colherinhas, numa xícara de água ou de café, supre perfeitamente o leite.

Salada deliciosa. — Corte-se igual quantidade de maçãs cruas e de abacates pequenos bocados. Coloque-os numa terrina, cubra-os com molho mayonaisse, circundando-os com uma guarnição de fatias de tomates em cubos.

Onde mais se come este salada, é na Inglaterra, e os ingleses dizem que é excelente.

Esta secção foi iniciada em 1 de agosto. Os camaradas que a desenvolverem, podem fazer os seus pedidos de exemplares a esta Administração.

A Batalha NA PROVINCIA E ARREDORES

Ponte do Lima

25 DE JULHO

Como é feito o serviço telegrafico-postal — Empregada que não cumpre com os seus deveres

Há tempos que se nos vêm queixando da forma irregular como é feita a distribuição do correio nesta vila e o pouco de delicadeza com que se recebe a correspondência pelo pessoal feminino que pontifica no mesmo correio, quando ali vão para receber ou registar alguma encomenda, etc.

Há dias recebeu o nosso camarada António Linhares um aviso para ir buscar uma encomenda ao correio. Mandou ali uma pessoa por ele; mas uma senhora empregada, cujo nome ignoramos, pois nunca a conhecemos mais, recusou-se a dar-lhe a referida encomenda, alegando que já passava da hora. Ora o correio fecha às 10 horas da noite e quando este nosso camarada ali mandou eram 7 horas.

Foi então António Linhares ao correio pela encomenda, sendo recebido incorrectamente pela tal senhora empregada, que se recusou, em princípio, a dar-lhe. Depois de muito insistir com ela e de lhe fazer os seus deveres que tinha a cumprir como empregada do correio, foi então que se levantou duma cadeira, onde muito leugmaticamente se encontrava a ler um jornal, e lhe deu a referida encomenda.

Porém, não é só com o pessoal feminino que tais casos se dão. Não. Também com o pessoal masculino se dão as mesmas irregularidades na distribuição do correio.

Seixal

26 DE JULHO

Os operários processados

Como noticiámos há poucos dias, havia aqui 30 camaradas processados por motivo dos assaltos de 1917, dos quais o tribunal exigia 575\$00 a cada um. Como o juiz do tribunal tivesse conhecimento que a organização operária se manifestava, mandou vir no dia 24 duas forças da guarda republicana, cavalaria e infantaria, para assim intimidar o povo no caso de qualquer paralisação. Ao saber de tal facto, a U. S. O. nomeou uma comissão para entrevistar o juiz e escrivães do tribunal, os quais disseram nenhum tinha culpa do andamento do processo.

O que é certo é que todos eram culpados; mas o principal foi o sr. António Gonçalves de Almeida, filho do sr. Leopoldino, comerciante abastado de

esta localidade. Das demarches com o escrivão do tribunal e dr. juiz, só se pôde obter que os camaradas processados paguem 30 escudos e não os 575\$00, como aquela gente queria, isto para não dar mais trabalho à organização.

O sr. juiz ainda disse à comissão que o entrevistado que fazia tudo quanto podesse em prol dos processados mas não era porque tivesse medo.

Agora perguntamos ao sr. juiz por que é que tendo aqui a guarda, ainda mandou vir mais 12 praças da mesma guarda, no dia que tencionava prender aqueles camaradas?

Guarda

26 DE JULHO

As subvencões

Vai por aqui grande exaltação por causa do projecto do aumento das subvencões que beneficia apenas os que maiores ordenados auferem, ficando os pequenos nas circunstâncias afilivas em que se encontravam e a serem explorados, como até aqui, pelos nossos patrióticos representantes das chamadas forças do «bão vivo».

Os professores comentam o caso, cheios de desgosto, e prepararam-se para a luta, em prol dos seus justos interesses, tendo já tomado algumas medidas.

Onde, porém, a exaltação se manifesta dum modo bem declarado e grave é entre o pessoal dos correios e telegrafos, tendo a sua comissão distrital recebido telegramas de toda a parte, em termos desesperados, protestando contra as omissões injustissimas do projecto das subvencões. Para o presidente do

Houve uma certa confusão, e entretanto a gente, homens, mulheres e crianças se amontoavam a respeitosa distância, as meninas, agarradas pelo braço e colocadas em fileira por D. Pascoal em frente de Gertrudes, postaram-se bem como lhe tinham ensinado e então Maria Filomena, a filha do merceeiro, que como a mais inteligente devia pronunciar umas determinadas palavras de saudação para sua senhoria, oferecendo-lhe o ramo de flores, adiantou-se, vermelha como um tomate. Tinha-se esquecido do discurso, o que desesperou Gertrudes que o tinha feito preparar a cura debaixo da sua direcção.

— R — exclamou — ela — que faz esta parva que não fala?

— Sua senhoria perdoará — disse D. Pascoal, — está perturbada por se encontrar perante a senhora. Vamos a ver, Maria Filomena, diga à senhora o que estudou.

Silêncio absoluto.

— Mui illustre senhora — disse o cura.

— Mui illustre senhora — balbuciou a pequenita.

— Eu a mais humilde das vossas servidoras — disse o cura.

— Eu a mais humilde das vossas servidoras.

Folhetim de A BATALHA

n.º 37

Francisco Gicca

JUSTIÇA SACERDOTAL

D. Rafael correu a abrir a portinhola, descendo Gertrudes e atraz das duas criadas de aventais e coifas brancas.

Vestia um vestido de seda com comprida cauda, mas com tantas rendas, bordados e adornos que o meio exagerado era ridiculo. Tinha na cabeça um chapéu imenso, cheio de plumas, calçava luvas e adornava-se com uma quantidade de pulseiras, de correntes de ouro, ninharias que a faziam parecer um daqueles bonecos de igreja, considerados como milagrosos e que a credulidade humana cobre de joias e prendas.

Enquanto que o trem se afastava, e retrayam as malas, Gertrudes recebeu as homenagens dos sacerdotes, passando entre as duas filas de antigos conhecidos, muitos dos quais lhe tinham dado muitas vezes trabalho como jornalista, muito teza, direita, insolente entre as saudações e o grito de:

— Viva sua senhoria! Viva!

Quando chegou em frente da casa parou e um grupo de doze meninas vestidas de branco, adiantou-se para saudá-la em nome dos seus intermediários. Ela fez um sinal para que esperassem e enquanto uma das criadas lhe arranjava a cauda, com grande lentidão tirou a luva da mão direita movendo-a para que se vissem os anéis que trazia. No pulso não tinha menos duma dúzia de pulseiras e, nos dedos anéis de todos os tamanhos, quatro, cinco e até seis em cada dedo, desde o polegar até ao mínimo.

Como as pequenitas, perturbadas por tanto luxo e aparato não se atrevessem a avançar e ficassem a olhar umas para as outras junto da que conduzia um grande ramo de flores na mão, Gertrudes impacientou-se.

— Que estão ali fazendo essas tolas? — gritou, — que faz vós?

D. Rafael que não as faz caminhar.

— Eu a mais humilde das vossas servidoras.

